

o poder das fronteiras  
como constroem, destroem  
e definem o nosso mundo  
james crawford

Tradução de Hugo Alves

Dedicado a William, Maggie, Isabella e James



## ÍNDICE

<i>Introdução</i>	11
<i>Prólogo: O Extremo da Planície</i>	23
<b>PRIMEIRA PARTE: A CONCEÇÃO</b>	<b>33</b>
1. Caminho de Ossos	35
2. A Margem Infinita	64
3. Sem Limites	89
<b>SEGUNDA PARTE: A MUTABILIDADE</b>	<b>115</b>
4. O Hotel Amuralhado	117
5. A Fronteira Perdida	155
<b>TERCEIRA PARTE: A TRAVESSIA</b>	<b>191</b>
6. Terreno Hostil	193
7. A Fronteira em Chamas	224
<b>QUARTA PARTE: A RUTURA</b>	<b>251</b>
8. A Fronteira em Degelo	253
9. «Esta Muralha de Carne»	284
10. Uma Linha Verde Através de Uma Grande Costa	315
<i>Agradecimentos</i>	345
<i>Notas</i>	347



## INTRODUÇÃO

No alto da bacia hidrográfica alpina, entre a Áustria e a Itália, derrete-se e rasteja colina abaixo uma fronteira. No centro dos Estados Unidos da América, três homens reavivam uma fronteira-fantasma numa carrinha *Sprinter* branca. Nas margens poeirentas onde a savana africana encontra o deserto do Sara, uma fronteira verde de árvores e plantações luta para criar raízes e crescer. Numa prateleira nas profundezas das lojas subterrâneas do Museu Britânico, uma fronteira dorme. Perdida durante milhares de anos, não faz ideia de como veio a moldar o mundo.

Na minha secretária encontra-se uma fronteira. É suficientemente pequena para caber na palma da minha mão. Surpreendo-me sempre como ela é tão leve. Tem a forma aproximadamente de um cubo. Em cinco dos seus lados é grossa, acidentada e cinzenta. Mas num lado é suave, marcada com salpicos de amarelo e cor de laranja. Comprei esta fronteira há dez anos, no eBay. É, supostamente, um fragmento do Muro de Berlim. É muito provável que não o seja. Deve ser apenas um pedaço de betão, recolhido de um estaleiro de construção e pintado com tinta. Mas acho que posso viver com essa incerteza.

Quando o muro caiu, em novembro de 1989, eu tinha 11 anos. Lembro-me de ver no noticiário os berlinenses a dançar sobre os destroços. Essas imagens de quando uma grande laje retangular caiu no chão foram reproduzidas vezes sem conta. Nos dias, semanas e meses seguintes, pessoas de todo o mundo dirigiram-se ao local para recolher pedaços do muro. *Mauerspechte*, era como chamavam a tais indivíduos. Picadores de muro. Por uns quantos marcos alemães, eles pegavam num martelo e desbastavam o cimento.

Obviamente, todos queriam o lado ocidental. Havia uma ordem na picagem do muro. As peças do Ocidente estavam iconicamente cobertas por grafítis, enquanto as do Leste eram apenas planas, cinzentas e

descaracterizadas. Os empreendedores berlinenses-orientais, rapidamente abraçando a economia capitalista, começaram a pintar fragmentos do seu lado para fazê-los parecer mais autênticos para os compradores. Espero que a minha peça seja uma dessas.

Hoje, o Muro de Berlim é a fronteira mais viajada do mundo. Pedacos seus podem ser encontrados nos seis continentes. Estão expostos em museus e galerias, erguidos em esquinas de ruas. Num casino de Las Vegas há uma laje usada como pano de fundo num urinol. O estilhaçamento do muro era suposto ser, para alguns, o início do fim das fronteiras. O fim da História, até. Mas a História continua. Na verdade, até acelerou desde então. E as fronteiras voltaram. Ou melhor, nunca sequer desapareceram.

Em meados de novembro de 2018, numa manhã de segunda-feira, uma cadeia de lojas de Nova Iorque enviou-me um *e-mail* cujo assunto dizia «Escassez de Abacate». O conteúdo explicava que «nenhum abacate atravessara a fronteira México–EUA nas últimas três semanas» devido a uma disputa de preços de importação e, em vez de «servir uma pilha de abacates congelados e comprometer a qualidade e o sabor», os abacates estavam «fora do menu». Prometiam «alertar-me» assim que a situação se alterasse. Não faço ideia de como estava eu na lista de correspondência deles. E vivo em Edimburgo, no Reino Unido.

Dois dias depois, o presidente dos EUA, Donald Trump, enviou 7000 soldados para a fronteira sul do país com a ordem de «atirar a matar» contra o que ele descrevia como «uma invasão» de migrantes. Os primeiros 400 desses migrantes — parte de uma caravana ambulante com mais de 10.000 pessoas que viajavam das Honduras, Guatemala e El Salvador — tinham acabado de chegar à cidade fronteiriça de Tijuana, no México.

Nessa mesma semana, foi noticiado que a Coreia do Norte e a Coreia do Sul tinham feito explodir postos de guarda de primeira linha ao longo da zona altamente fortificada que separa os dois países desde há sete décadas, o primeiro passo de um acordo provisório para «desmilitarizar» completamente a fronteira.

Na quinta-feira dessa semana, os governos da Índia e do Paquistão chegaram a um acordo para estabelecerem um corredor transfronteiriço que permita aos peregrinos visitar um templo sagrado no Paquistão, o último local de descanso do guru Nanak, o fundador do siquismo. No mesmo dia, no Médio Oriente, a Faixa de Gaza foi palco de combates entre milhares de

manifestantes palestinianos e soldados israelitas; gás lacrimogéneo, pedras voadoras, balas e fumo de pneus a arder encheram os céus por cima de uma «barreira separadora» de betão com oito metros de altura.

A semana terminou com a primeira-ministra britânica, Theresa May, a regressar de Bruxelas para anunciar que tinha negociado um acordo do Brexit com a União Europeia que iria «acabar com a livre circulação de uma vez por todas».

Abacates, «invasões», corredores espirituais, caravanas humanas, barreiras separadoras, «atirar a matar» e uma primeira-ministra britânica a celebrar o fim da liberdade... Tudo em apenas sete dias nesse mês de novembro.

Não acho que essa tenha sido uma semana particularmente especial relativamente às fronteiras. Mas fez-me pensar, um pouco mais obsessivamente a cada dia que passa, de onde as fronteiras *realmente* surgiram. Quando começaram? Como evoluíram e criaram raízes? Como cresceram nesta vasta rede de linhas — físicas e virtuais — que correm por toda a Terra? E porque são, hoje, aparentemente os pontos de inflamação política e social mais voláteis em todo o mundo? Elas serão apenas um sintoma? Ou serão antes a causa?

Uma fronteira é uma ideia assaz simples. Atravéssemos uma linha, quer possamos vê-la ou não, e estaremos noutro lugar. A paisagem pode ser exatamente a mesma, apenas mais um pedaço de relva, mas estaremos noutro lugar, noutro país. Talvez o povo que aí habite fale outra língua. As culturas locais, práticas, leis e ideias poderão ser completamente diferentes. Talvez nós sejamos completamente diferentes: quem somos e como vivemos a vida poderá ou não ser permitido. De um lado da fronteira pode haver a promessa de riqueza, do outro a certeza da pobreza. O que lemos ou quem amamos poderá ser da nossa livre escolha, ou ser punível com a prisão, até mesmo com a morte.

Significa que estas linhas, cercas, muros ou postos de controlo — e os espaços onde se encontram — estão revestidos de imenso poder. Nada é diferente e, no entanto, tudo o é. Como o escritor Amitav Ghosh colocou na sua descrição da divisória indiana, «o encantamento das linhas»<sup>1</sup>. Um encantamento que pode ser ao mesmo tempo absurdo e fatal. Foi a fonte deste encantamento que eu quis procurar, seguir o seu percurso desde o início — não importava quando isso fosse — até agora.

...



Todos nós, creio, temos a nossa própria história pessoal e fronteiriça. Esta é a minha.

A 12 de junho de 1908, três passageiros — William, Maggie e Nellie — partiram do porto de Liverpool no transatlântico a vapor da Cunard, *Carmania*. O navio fora construído há apenas três anos, pela John Brown & Company, em Clydebank, como o maior e o mais rápido da frota: 20.000 toneladas e 198 metros de comprimento; uma velocidade máxima de 33 km/h; três conveses gigantes que ofereciam 2650 camas, entre a primeira e a terceira classes.

William tinha 31 anos, Maggie 23 e Nellie 28. Tinham deixado uma comunidade agrícola em Hawick, na fronteira escocesa, onde William trabalhara como guarda-estábulo. Agora estavam a caminho do outro lado do Atlântico. A caminho da América.

Chegaram à ilha de Ellis no dia 18 de junho, e sentiram o calor sufocante e a humidade de um verão de Nova Iorque — o mais quente de que há registo. O manifesto do navio deu um registo muito escasso de quem eles eram. Que idades tinham. Qual a sua origem («escocesa»). William e Maggie tinham olhos azuis, cabelos claros e pele também clara. Nellie tinha olhos castanhos e cabelo escuro. William media 1,75 m, Maggie 1,67 m, Nellie 1,70 m. William e Maggie eram marido e mulher. Nellie era irmã de William.

O comandante do *Carmania* assinou um depoimento declarando que todos os passageiros tinham sido submetidos a exames físicos e orais pelo médico do navio. O documento prova que William, Maggie e Nellie não eram «fracos», «imbecis» ou «loucos». Que não estavam infetados com tuberculose ou com uma «doença infecciosa repugnante e perigosa». Que não eram polígamos ou prostitutas, nem haviam sido condenados por um crime de «torpeza moral», nem eram anarquistas.

Na década que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, a ilha de Ellis processava frequentemente mais de um milhão de imigrantes por ano. Os 12 meses anteriores tinham sido os mais movimentados da história da ilha. Depois de várias horas à espera entre milhares numa fila, William, Maggie e Nellie passaram nas inspeções médicas e da lei. Podiam entrar na América. De Nova Iorque apanharam um comboio para oeste, viajaram cerca de 2570 quilómetros até ao interior continental, no oeste do Colorado. Havia assegurado lá trabalho num rancho de gado que ocupava as altas pradarias do outro lado das montanhas Rochosas — William para tratar dos cavalos, Maggie e Nellie para cuidar dos homens.

Sessenta anos antes, esta terra era do México. Nas décadas que antecederam o século xx, a tribo nativa Ute tinha sido expulsa para lá das montanhas e depois inteiramente para fora do estado. A região foi seguidamente povoada com grandes manadas de gado do Texas, levadas para norte desde as pradarias sobrepastoreadas do sul. Tratava-se de exploração a céu aberto; o gado vagueava por vastas extensões entre os vales livres de neve no inverno e as terras altas no verão. Não havia cidade ou assentamento — nem mesmo outro rancho — ao longo de 160 quilómetros em qualquer direção. Só William, Maggie, Nellie e um grupo de vaqueiros. A maioria eram jovens sem família. Maggie achou-os rudes e taciturnos, e logo detestou as suas tarefas diárias de culinária.

Aguentaram-se durante dois invernos. Mas viver no rancho significava uma abundância — talvez até uma abundância excessiva — de espaço, e o isolamento tornou-se demasiado para Maggie suportar. Logo se puseram de novo a caminho, desta vez para leste, através das Grandes Planícies e do Mississípi, de volta às montanhas Allegheny até ao porto de Nova Iorque. Milhares de imigrantes ainda chegavam ao país todos os dias. Mas para William, Maggie e Nellie, o sonho da América permaneceu incumprido. Não tinham encontrado o que estavam à procura no Novo Mundo. Agora, moviam-se contra o fluxo: reservaram passagem num navio e regressaram através do Atlântico. Em 1911, estavam a trabalhar na sua própria quinta, perto da fronteira entre a Escócia e a Inglaterra, perto da aldeia de Roweltown. No ano seguinte Maggie deu à luz um filho. John Dalgleish Short. O meu avô.

Pouco mais de uma década depois, um rapaz de 17 anos, chamado James, atravessou a fronteira do Canadá para Detroit. O documento da Inspeção Primária do Serviço de Imigração dos EUA daquele dia — 29 de setembro de 1923 — registou que media 1,80m, tinha cabelo ruivo e olhos azuis. Deixara a pequena cidade portuária de Fraserburgh, no nordeste da Escócia, no ano anterior, tendo viajado sozinho para Glasgow e depois de barco até à cidade do Quebeque, no Canadá, onde viveu durante algum tempo com parentes distantes. O pai dele, João, era pescador, tal como o seu avô. Mas James tinha outras ambições. Quando chegou à América, perguntaram-lhe qual era a sua profissão. «Mecânico», respondeu. Tinha vindo ao lugar certo.

Detroit era uma cidade industrial. Não tanto uma cidade, mas mais uma metrópole fabril com uma procura insaciável de trabalhadores. No início do século xx, a sua população era de pouco mais de 250.000 pessoas. Na década de 1920, tinha aumentado para 1,25 milhões.

James foi contratado pela Henry Ford's Motor Company e começou a trabalhar naquela que foi, por algum tempo, a maior instalação fabril do mundo — a de Highland Park. Com um tamanho de 100 hectares, incorporava escritórios, múltiplas fábricas, uma fundição e até mesmo uma central elétrica própria. James conseguiu um lugar na primeira linha de montagem industrial de sempre. Os chassis dos carros eram transportados por um tapete rolante que se estendia ao longo de 46 m do chão da fábrica. Centenas de operários tripulavam cada linha, sendo responsáveis pela execução dos 84 passos necessários para reunir as 3000 peças do automóvel modelo T. Em 1927, apenas quatro anos depois de ter chegado a Detroit, saiu o décimo quinto milionésimo carro da linha de montagem de Highland Park.

No verão de 1926, James conheceu Isabella. Poucos meses antes, ela tinha deixado a sua casa e a sua família em Falkirk, na Escócia, viajando sozinha no SS *Ateneia* de Glasgow para Montreal, e depois continuado a sua viagem até Detroit no início de maio. Quase um ano depois, a 9 de maio de 1927, James e Isabella casaram-se pela Igreja Batista do Noroeste. Ele tinha 20 anos e ela 23. O primeiro filho deles nasceu em dezembro, apenas três dias antes do Natal. Chamaram-lhe John.

Viviam numa casa partilhada na West Hancock Street, no centro da cidade, alugada por 33 dólares ao mês. No início de 1930, Isabella deu à luz uma menina, Margaret. Por esta altura, contudo, a vasta máquina de Detroit começava a vacilar. A queda da bolsa de valores de Wall Street, em outubro de 1929, desencadeou a Grande Depressão, e os automóveis da Ford — concebidos e a preços acessíveis para todos os homens da América — tinham sido transformados quase de um dia para o outro em artigos de luxo. A produção diminuiu para metade entre 1929 e 1930. No final de 1931 tinha caído três vezes mais. Dezenas de milhares de trabalhadores foram despedidos. Fábricas inteiras fecharam. No auge da Depressão, os níveis de desemprego em toda a América eram de quase 25 por cento. Em Detroit o cenário era ainda pior: mais de um terço da população estava desempregada.

James havia mantido o seu emprego, mas os salários anuais tinham diminuído mais de metade para lidar com a escala sem precedentes da recessão. Perto do final de 1933, James e Isabella sentaram-se à mesa da cozinha em sua casa na West Hancock Street. James tinha uma moeda de prata na mão. Há meses que falavam sobre o futuro, sobre o que deviam fazer. Sem conclusões racionais das suas conversas anteriores, decidiram confiar no destino. Uma moeda lançada ao ar. Cara, ficariam. Coroa, iriam embora.

Ficar na cidade onde tinham erguido um lar, onde os seus filhos haviam nascido. Ficar na cidade que se desmoronava à volta deles, onde se dizia que centenas morriam todos os dias de fome e perdiam as suas casas. Ou ir embora. Fazer as malas e voltar para a Escócia. Voltar para as suas famílias, para as suas raízes e para as vidas que pensavam ter deixado para trás.

James lançou a moeda ao ar, viu-a girar e aterrar na mesa da cozinha, tapando-a com a palma da mão. Depois levantou-a. A cabeça da Liberty estava diante deles. Tiveram a sua resposta. *Ir embora*.

Abandonaram Detroit no início de 1934. James, Isabella, Margaret e John Crawford. Os meus bisavós, a minha tia-avó e o meu avô.

Penso muitas vezes naquele cara-ou-coroa. Há, naturalmente, inúmeros momentos em que o curso de uma vida pode mudar de uma forma ou de outra. Ainda assim... O lançamento de uma moeda ao ar oferece algo tão agradavelmente binário. Não há espaço para interpretações ou *nuances*. Cara ou coroa. Ir ou ficar. Se tivesse calhado cara, eu nunca teria nascido. Duas grandes ramificações de possibilidades piscavam enquanto a moeda girava no ar, naquela cozinha em Detroit.

Há outra versão desta história contada na minha família. Que a decisão de ir já tinha sido tomada. Que o lançamento da moeda era sobre *para onde* ir. Para Fraserburgh, onde James nascera, ou para Falkirk, onde nascera Isabella. Mas talvez tenha havido dois lançamentos da moeda? Se vamos deixar o acaso decidir uma vez, porque não duas vezes? Nunca consegui perguntar aos meus bisavós. Isabella morreu em 1990, e James dois anos depois. Esta história já se perdeu no tempo e foi mitificada pela fábula familiar, sendo contada, recontada e traída pelas memórias dos principais protagonistas.

No entanto, ainda me espanta que os meus bisavós — de ambos os lados da família — fossem imigrantes na América. E que, por quaisquer razões, a aventura deles, esse grande salto para o desconhecido, falhou. James e Isabella Crawford. William e Maggie Short. Emigraram sobre um oceano e uma fronteira — e, por fim, migraram de volta.

Os meus bisavós, pelo menos, tiveram escolha. Para muitos, agora, não há dúvida sobre ir ou ficar. Só há uma opção: deslocar-se. E, assim, uma fronteira torna-se não apenas uma linha de possibilidade, mas a *única* linha — tudo o resto é limbo. Para lá disso, encontra-se um futuro, qualquer futuro. Para alcançá-lo, só tem de se atravessar.

No mundo de hoje, é muito mais fácil falar do que fazer. Por um lado, lutamos para lidar com o poder da tecnologia e da globalização para ignorar e até aniquilar as fronteiras. O mundo está a encolher — metaforicamente e, como resultado das alterações climáticas, também literalmente. Muitas fronteiras, conseqüentemente, estão a solidificar-se, a fortalecer-se ou mesmo a proliferar. Há mais fronteiras hoje do que alguma vez na História. A retórica nacionalista vai aumentando de volume e os limites são mais definidos e apertados. Porém, ao mesmo tempo vão surgindo no horizonte ameaças existenciais que o «encantamento» descrito por Ghosh não pode impedir.

Todos nós, na verdade, temos neste momento um pé numa fronteira. Quer olhemos para dentro ou para fora, somos confrontados, como nunca antes, pela dimensão e extensão da desigualdade global. As linhas que nos separam uns dos outros tornaram-se os principais canais tanto para o ódio como para a esperança. O desejo de alguns de virar as costas, «construir aquele muro» e «parar as deslocções», só aumentará a força magnética das fronteiras. Estas tornaram-se uma espécie de teste decisivo ao nosso mundo, indicadores de progresso ou recessão de *todas as* liberdades humanas: sociais, políticas, culturais, económicas e artísticas. Como disse Norman Mailer, «descobrimos até onde podemos ir apenas andando sempre em frente até que sejamos travados». *O Poder das Fronteiras* é a minha viagem até esses pontos de interrupção.

Durante a escrita deste livro viajei em busca de fronteiras antigas e novas. Fui à procura de antigos marcos fronteiriços e da vala comum de um campo de batalha raiano, nas montanhas gregas. Caminhei pelos postos remotos e abandonados do Império Romano no crepúsculo de um verão escocês. A 321 quilómetros ao norte do Círculo Polar Ártico, conheci um artista que dedicou o trabalho da sua vida a remover fronteiras e a recuperar a linguagem e a paisagem dividida da sua antiga cultura. Em Belém, na Cisjordânia, devastada pelo conflito e obcecada pela fronteira, fiquei no hotel\* com a «pior vista do mundo». No cimo dos Alpes de Venoste, entrei num mundo de glaciares fronteiriços em vias de extinção.

E de repente, quando 2020 ainda há pouco tinha começado, não pude ir a lado nenhum. A 12 de março, uma quinta-feira, voei de Tromsø de volta para Edimburgo, passando por um deserto aeroporto de Oslo. Nesse dia,

---

\* Cercado pela barreira israelita de oito metros de altura na Cisjordânia — mais conhecida como Barreira da Separação —, o Walled off Hotel é conhecido por ter a «pior vista do mundo». (N. de T.)

a Noruega fechou as suas fronteiras a todos os estrangeiros. A pandemia de covid-19 estava rapidamente a fechar o mundo. E as fronteiras — a sua permeabilidade, a sua *severidade* ou *suavidade* — tornaram-se notícias constantes. À medida que as semanas e meses de quarentenas e confinamentos progrediam, e com as viagens impossíveis, procurei e falei com pessoas de todo o mundo cujas vidas, de uma forma ou de outra, foram consumidas pelas fronteiras. Pessoas que vivem e trabalham nas margens, na periferia, que, como o fotógrafo espanhol Carlos Spottorno me descreveu, «põem os pés no limite».

A minha intenção é usar estas viagens, estas conversas, estas histórias do presente e do passado, para entender o que são as fronteiras. Como são feitas, como estão constantemente em movimento, e como, cada vez mais, estão a ser vergadas e quebradas. Para onde quer que olhemos, parece que as linhas tensas das fronteiras estão a vibrar — ou mesmo a chamar — ao som dos acontecimentos globais. Os seus futuros estão intimamente ligados aos nossos. Controlam as nossas paisagens, as nossas memórias, as nossas identidades. E os nossos destinos.



Como se odeia, ou se ama, um país?... Desconheço o segredo. Conheço pessoas, conheço cidades, quintas, colinas, rios e rochas; sei como o Sol do crepúsculo no outono se põe ao lado de uma certa lavoura nas colinas; mas que sentido faz marcar um limite em tudo isso, dar nomes aos dois lados da marca e amar só um deles? O que é o amor ao nosso país será o ódio a outro país?

Ursula K. Le Guin, *A Mão Esquerda das Trevas*

O mundo não tem nome, disse ele. Os nomes dos morros, das serras e dos desertos existem apenas nos mapas. Damos-lhes nomes para não nos perdermos. No entanto, foi porque o caminho já se perdera para nós, que inventámos esses nomes. O mundo não se pode perder. Nós somos os únicos. E é porque estes nomes e estas coordenadas são nomenclatura nossa que eles não nos podem salvar.

Cormac McCarthy, *The Crossing*





## PRÓLOGO

### O EXTREMO DA PLANÍCIE

A minha mão tocava na fronteira mais antiga do mundo. Ou, pelo menos, a fronteira mais antiga que ainda sobrevive de uma forma para a qual podemos olhar hoje e dizer, com certeza, «*Isto sim; isto é uma fronteira*». Toquei na sua superfície fria e calcária. Era um cilindro robusto branco-creme, raiado aqui e ali com costuras cristalinas que brilhavam como gelo. Com quase meio metro de comprimento, tinha quase o mesmo tamanho e forma que uma estaca de betão.

Como sabemos que se trata de uma fronteira? Porque ela o diz. Está coberta de inscrições. De início, pareciam-me pegadas de aves na areia molhada. Deixei as pontas dos dedos percorrerem aquelas ranhuras desgastadas pelo tempo.

Há 4500 anos, alguém se debruçou sobre este cilindro de pedra, tal como eu fazia agora, estudando-o à luz do meu candeeiro de pé anguloso. Munido de martelo e cinzel (estaria a trabalhar à luz do fogo ou do Sol?), começou a picar e esculpir. Longas linhas verticais em jeito de colunas. E essas colunas estavam cheias de figuras aracnídeas em forma de cunha. A forma de escrita mais antiga conhecida: o cuneiforme sumério.

Não sei ler cuneiforme. Quem é perito e sabe diz que é preciso cerca de dez anos de estudo para aprender tamanha gama de símbolos: os seus potenciais significados, múltiplos e contraditórios. Ainda assim, escrever é escrever. E isso, pelo menos, eu sei fazer. O texto diante de mim podia ser ininteligível, mas a mão que o escrevera não o era. Movi a lâmpada para que a luz oblíqua iluminasse a superfície lisa, e, quando olhei para baixo e à volta das colunas, percebi que conseguia sentir os momentos em que as impressões se aprofundavam, as sombras escureciam, e a narrativa acelerava: onde o cinzel tinha mordido com força a carne e a cartilagem da pedra.

E assim o autor prosseguiu, usando quase todo o espaço disponível. O que ele estava a documentar — esculpir, preservar — era a história de

uma fronteira. É a mais antiga que existe. Talvez até tenha sido a primeira tentativa de escrever História<sup>2</sup>.

Esta história começa no início dos tempos.

Enlil, o pai de todos os deuses, concedeu a dois dos seus filhos imortais, Ningirsu e Shara, uma cidade a cada um como bens pessoais. A cidade de Lagash era de Ningirsu e a cidade de Umma era de Shara. Como as terras pertencentes a estas duas cidades estavam lado a lado, o próprio Enlil demarcou uma fronteira entre elas. Uma fronteira divina.

Mas, diz-nos o escriba, o povo de Umma não respeitaria a divisão. Atravessaram a linha sagrada de Enlil para tentar tornar suas as terras de Lagash. Apoderaram-se dos «campos amados» de Ningirsu, conhecidos como *Guédina* — o «Extremo da Planície» —, um trecho de terra rica e fértil, ao longo da fronteira noroeste de Lagash. E, assim, Enlil interveio, instruindo o seu representante na Terra, Mesalim, governante do reino neutro de Kish, a marcar a fronteira mais uma vez: medi-la, cavar um longo canal fronteiro, e, para evitar futuras divergências, inscrever os direitos específicos do território e da propriedade numa tábuca de pedra, ou estela, a ser erigida na própria linha divisória. Esta estela foi «o tratado de Mesalim»: o mais antigo tratado de paz conhecido na História. Um dos primeiros documentos jurídicos do mundo.

A paz não durou. Um novo governante de Umma, Ush, recusou-se a aceitar o tratado. Arrancou a estela do chão, atravessou o canal e apoderou-se das terras do Extremo da Planície.

Passaram-se anos, talvez algumas décadas. Então, privado dos seus campos sagrados e consumido pela raiva, Ningirsu criou um novo líder para Lagash: Eanatum, um homem gigante super-heroico, amamentado à nascença pela deusa Ninhursag e destinado a reverter a sacrílega apropriação de terras.

Eanatum conduziu a sua carruagem de batalha, dissipou as forças de Umma, lideradas por Enakale, e restabeleceu a fronteira. Mais do que isso: voltou a destacá-la, transformando o canal num duplo aterro cheio com as águas de um amplo canal de irrigação. Ele colocou a desenraizada velha estela Mesalim de volta no lugar, ergueu novos marcadores fronteiros, construiu santuários para Enlil e Ningirsu e instituiu uma zona de exclusão de quilómetros de largura no lado de Umma do canal. Como concessão, destinada a evitar futuros conflitos, concedeu àqueles habitantes o acesso a

um pequeno trecho do Extremo da Planície, com a condição de que pagassem a Lagash uma parte das receitas da cevada que ali colhiam.

No entanto, a disputa não desapareceria. Brotou o ressentimento, passando de geração em geração. Prontamente o filho de Enakale, Urluma, indignado com os termos «vergonhosos» acordados pelo seu pai, se preparou para a guerra. Depois de se recusar a pagar o devido da colheita a Lagash, marchou até à fronteira, arrancou, queimou e esmagou os pilares de Mesalim e Eanatum, destruiu os santuários e «secou» o canal, redirecionando a água para as terras da Ummaite.

Desta feita, foi Enmetena, sobrinho do grande Eanatum, a responder. Confrontou Urluma, o «ladrão do campo», mesmo à beira da fronteira, na «colina do cão preto», a partir de onde massacrou as forças de Ummaite. Urluma fugiu a sete pés pelo canal da fronteira, «passando pelos ossos dos seus soldados espalhados pela planície»<sup>3</sup>. Urluma pode ter escapado, mas o seu destino foi, na mesma, selado. Seria assassinado num golpe palaciano, logo depois de regressar à cidade de Umma.

No rescaldo, Enmetena reconstruiu os santuários, alongou o canal fronteiriço — que percorria agora cerca de 60 quilómetros — e içou mais uma série de marcadores fronteiriços ao longo de todo o seu comprimento<sup>4</sup>.

O pilar para o qual eu estava a olhar agora, que contava esta história, era um desses marcadores.

Que viagem tem sido desde então. Era o início de janeiro, na entrada da terceira década do século XXI. O pilar estava sobre um retângulo macio de espuma preta, numa longa mesa de madeira, na sala de estudo ornamentada da Coleção do Médio Oriente do Museu Britânico.

A minha mesa encontrava-se no centro de uma linha de mesas, que passava sob cinco arcos abobadados. Acima estavam três andares de varandas de ferro forjado e prateleiras. Dez compartimentos conduziam a este espaço central, acomodando bandeja após bandeja de artefactos, protegidos em caixas altas de madeira e vidro. Ao meu lado, uma mulher manuseava fragmentos de cerâmica da antiga cidade assíria de Nimrud. Noutra mesa mais abaixo, cilindros cuneiformes despedaçados encontravam-se dispostos para estudo em montes de papel branco. Até as cadeiras em que estávamos sentados pareciam ser artefactos — os seus estofos de couro tão secos e rachados, aqui e ali o recheio de fora, que pareciam estar a uso desde que esta sala fora aberta em meados do século XIX.

Virei o pilar. Era espetacularmente pesado. Havia uma densidade muscular compacta no calcário. O cuneiforme era mais comumente grafado em argila húmida, usando um estilete feito de juncos de rio. A tarefa de o esculpir em pedra, em tão ínfimo pormenor, deve ter sido difícil, um trabalho meticuloso.

Tal como o trabalho de tradução. Foi só em 2018 que Irving Finkel, o encarregado assistente das inscrições da Antiga Mesopotâmia do museu e uma das principais autoridades mundiais da escrita cuneiforme, veio a decifrar a longa inscrição do pilar. Durante pelo menos o século e meio anterior, o artefacto tinha estado ignorado numa cave sob Bloomsbury. Apenas um pedaço de pedra a colher pó numa prateleira, um objeto entre milhões de outros.

Exatamente como e quando o pilar chegou aos armazéns ainda não é claro. Os próprios registos de aquisição do museu dizem apenas que foi «provavelmente adquirido antes de 1884». Deve ter viajado para Londres de navio, algures na segunda metade do século XIX, navegado pelo Tamisa até um cais e provavelmente sido descarregado nas movimentadas docas de Gravesend. Terá passado pelo então recém-construído canal do Suez, ou dado uma volta maior, navegando pelo Corno de África? Antes disso, embalado numa de muitas caixas de madeira, teria descido numa barçaça o percurso sinuoso do Tigre até ao Xatalárabe, o «rio rápido» que desagua no Golfo Pérsico e no Mar da Arábia.

O local exato da sua descoberta permanece desconhecido<sup>5</sup>: algures nos desertos secos das outrora exuberantes planícies da Mesopotâmia, o lugar a que agora chamamos Iraque. Muitos locais de escavação apareceram por toda aquela área no século XIX; muitas trincheiras foram escavadas e muitos dedos percorreram aquelas areias. Terá havido um grito entusiasmado no momento da descoberta? Ou um indiferente encolher de ombros como se estando apenas diante de mais um objeto adicionado ao transporte daquele dia? Seja como for, chegou o momento em que este cilindro foi retirado do pó, para ver de novo a luz do dia em milhares de anos.

Só agora, porém, é que nos apercebemos da sua verdadeira importância. Enquanto Finkel estudava a inscrição, descobriu anomalias no texto. Como qualquer forma de linguagem, o cuneiforme mudou e evoluiu ao longo do tempo. Todavia, o relato inscrito no pilar fora redigido usando algumas das formas mais antigas e arcaicas da escrita suméria — símbolos redigidos pela primeira vez mais de 800 anos antes. Algumas marcas eram rasas ou semiacabadas, feitas para parecer, mesmo aquando da inscrição, como se tivessem sido erodidas pelo tempo. Os cortes

mais profundos na pedra foram reservados para Ningirsu, cujo nome foi complementado com três versões diferentes do cuneiforme para «deus». Pelo contrário, onde o texto mencionava o deus de Umma, Shara, o trabalho de cinzel era muito fraco e errático, quase ilegível. Esta evidência parece denunciar um gesto deliberado. O escriba estava, possivelmente, a insultar o povo de Umma e a forjar provas — eram *fake news* e *trolling* em cuneiforme: uma tentativa de fabricar uma prova de que o direito de Lagash ao Extremo da Planície remontava ao início da linguagem, mesmo à origem do mundo<sup>6</sup>.

Havia outra coisa, no entanto, na inscrição, uma frase em particular. Neste pilar, pela primeira vez que se saiba na História, pode ler-se a expressão «terra de ninguém». O autor usou-a para descrever a zona de exclusão criada pelo tio de Enmetena ao longo do lado de Umma do canal fronteiriço. Era apenas uma nota acessória, uma formulação literal para designar um pedaço de território que deveria permanecer vazio e intocado, onde «nenhum homem» deveria entrar. Há 4500 anos, tal combinação de termos não tinha praticamente peso. Mas ela tem viajado ao longo da História. E, longe de se ter perdido e sido enterrada, tem experimentado um constante processo de acreção: crescendo exponencialmente ao longo dos milénios — e durante o século passado em particular — para alcançar uma densidade supermáxima e trágica.

*Terra de ninguém.*

Hoje, tais palavras evocam que a história tem corrido mal. Elas atingem o coração da natureza problemática da humanidade: a nossa infinita capacidade de lutar pelo espaço. E neste caso a frase foi esculpida no mais antigo marcador de fronteira que se conhece, na forma mais antiga de escrita, numa das nossas tentativas formativas de registar a História.

*Aqui jaz a nossa primeira narrativa. Há muitos, muitos anos, do outro lado da terra de ninguém, havia uma fronteira...*

Tinha a tradução de Finkel na mesa ao meu lado, com os caracteres sumérios para a «terra de ninguém» escolhidos. Tentei escrevê-los no meu caderno: um processo de cópia incompreensível. As inscrições originais eram compostas por uma série de linhas que terminavam em triângulos — como pequenas bandeiras —, dispostas em formas discretas. A minha tentativa foi confusa, as linhas vacilantes e manchadas de tinta, as formas aleatórias. Tentei novamente e saiu melhor desta vez: as linhas formadas com golpes mais confiantes, encorajadas por conseguirem já transformar as «bandeiras» em letras.

Estava determinado a descobrir onde, exatamente, a frase fora esculpida no pilar. Debrucei-me sobre ele, munido de uma grande lupa, avançando e recuando sobre as marcações, levantando o pilar redondo para passar de uma coluna para outra. Era fácil perdermo-nos na massa de inscrições riscadas e cinzeladas.

Finalmente encontrei-a: a mesma disposição de caracteres. Embora desbotada aqui e ali, a talha era intrincada, elegante. Toquei-lhe — o pilar ainda estava frio, apesar do calor da lâmpada.

*Terra de ninguém.*

Ter esta frase na ponta dos dedos, preservada no instante em que era novinha em folha, era uma sensação eletrizante, de alta voltagem. Não conseguia parar de olhar. Ampliado pela lupa, o calcário cristalino brilhava como açúcar refinado. Era um objeto belo. Belo e terrível.

A história do pilar termina com a vitória de Lagash. Depois de descrever violentos confrontos fronteiriços que atravessaram gerações, o autor encerra a disputa. E, se o leitor tiver dúvidas, as últimas linhas da inscrição exibem um aviso calamitoso a quem procurar reabrir a ferida:

Se o líder de Umma atravessar o canal fronteiriço de Ningirsu... para fazer seus os campos à força, quer seja o líder de Umma ou qualquer outro líder, que Enlil o destrua! Que Ningirsu, depois de lançar a sua grande rede de batalha sobre ele, o derrube com as suas mãos e pés colossais! Que o povo daquela cidade, tendo-se levantado contra ele, o mate lá dentro da sua urbe!<sup>7</sup>

Quando foi erguido pela primeira vez, por volta de 2400 a. C., o pilar terá sido colocado na vertical, cimentado num grande pedestal, e depois posicionado no cume do aterro fronteiriço — deliberadamente vistoso, brilhando à luz do Sol, mostrando a sua mensagem sobre a planície. História contada por um artefacto e documento num só: o longo conto da fronteira narrado pela própria fronteira. *História*, mas não, talvez, como a conhecemos.

O pilar fala de um mundo no qual as ações de deuses e dos homens se entrelaçam. Onde divindades marcam linhas de fronteira na terra, amamentam futuros reis e levam-nos para o campo de batalha ao lado dos seus súbditos mortais. Ao mesmo tempo, contém uma notável especificidade

burocrática — que a fronteira se estende por cerca de 60 quilómetros «do Tigre ao canal Nun»; que Umma devia a Lagash juros de 44 milhões de hectolitros de cevada, dos quais só pagou 18 milhões<sup>8</sup>.

É uma história fragmentada, contada em segmentos — uma vez que este pilar não é a única fonte. A narrativa do conflito fronteiriço entre Lagash e Umma encontra-se reproduzida numa pequena coleção de objetos semelhantes que emergiram das areias mesopotâmicas ao longo dos últimos dois séculos. Existem inscrições cuneiformes em placas de argila quebradas e jarros; duas lajes de pedra densamente marcadas; um par de grandes rochas, ovais e gastas pelo rio, esculpidas com relatos idênticos da disputa<sup>9</sup>. O mais impressionante de todos é uma grande escultura de pedra, redescoberta por arqueólogos franceses na década de 1880. Agora exposta no Museu do Louvre, em Paris, é conhecida como a «Estela dos Abutres», e faculta uma representação gráfica de uma das batalhas cruciais para a fronteira.

Esculpidas em relevo na sua superfície calcária quebrada estão as figuras do deus Ningirsu e do seu superpoderoso campeão Eanatum. De um lado da estela aparece Ningirsu como um gigante, mantendo cativos sob a sua grande «rede de batalha» um emaranhado de soldados de Umma, nus e torturados, esmagando com a sua moca a cabeça de um infeliz que se tenta libertar. No reverso está Eanatum na sua carruagem, à frente de um corpo de guerreiros escudados, de lança em riste. Sob os pés do seu exército estão os corpos espezinhados dos inimigos. No canto superior, abutres levam as cabeças cortadas dos soldados de Umma nos seus bicos — o detalhe sangrento que confere à escultura o seu nome moderno<sup>10</sup>.

Mais abaixo na estela, um painel mostra o rescaldo. Os corpos estão empilhados num monte tão alto que os trabalhadores com cestos na cabeça têm de subir escadas para os tapar com terra. Eanatum senta-se no seu trono, observando como sobem os montes funerários, os animais são preparados para o sacrifício e as plantas sagradas<sup>11</sup> são colocadas no chão e regadas. Aqueles altos diques, criados ao longo de toda a extensão da fronteira, não eram apenas amontoados de terra. Também continham no seu interior valas comuns, os corpos empilhados dos derrotados. Uma fronteira inscrita em sangue e ossos.

Nestes relatos alternativos, a fronteira desloca-se e muda. Por vezes são acrescentados mais pormenores; outras vezes os eventos confundem-se ou divergem e a cronologia torna-se confusa. O pilar fronteiriço tentava resumir tudo o que acontecera antes, ser o texto definitivo, colocado *in loco* no Extremo da Planície. Mas só contava a história *até então*.



O que sucedeu ao próprio pilar é mostrado, sem rodeios, pela textura do mesmo. Eu podia ver claramente onde uma secção do topo tinha sido fendida por um grande golpe. Também tinha sido feita uma tentativa de cortar a inscrição — três depressões do tamanho de polegares desfiguraram uma secção do texto. Dada a dureza da pedra, o esforço só para apagar esta pequena área deve ter sido considerável.

Analisei os solavancos, afundei lá os dedos. Ao quebrar a superfície da rocha, o interior de cristal denso foi exposto. Com o tempo as impurezas oxidaram-se, deixando círculos fracos de laranja-escuro. Pareciam marcas de queimaduras deixadas por cigarros. Por fim havia a base. Nalgum momento, a força bruta fora usada para desmontá-la do seu pedestal e derrubá-la. Esta ação havia deixado um coto feio, desgastado — e parcialmente enegrecido. Tal como os marcadores que vieram antes, este não durou. Como poderia ser de outra forma?

E depois, como foi o artefacto encontrado? A narrativa foi apanhada num caco de barro inscrito em cuneiforme, também agora guardado no Louvre. Escrito cerca de 50 anos após a colocação do pilar fronteiro, este fragmento não oferecia preâmbulo; acabou de ser lançado numa longa e exaustiva lista de devastação, como uma notícia. O povo de Umma, dizia, tinha incendiado templos, edifícios e estátuas por toda a Lagash. Cada local fora renomeado; o saque dos tesouros estava também detalhado, bem como o facto de se ter estragado a cevada do «campo amado» de Ningirsu. Não faltava a descrição de como *todos os postos fronteiros* (incluindo o que estava diante de mim) tinham sido quebrados e arrancados. E depois, finalmente, o relato acerca do saque da cidade de Lagash.

A responsabilidade do feito é atribuída ao governante de Umma, Lugalzagesi. Com uma nota final de desafio, o escriba lança-lhe uma maldição: «Porque o governante de Umma destruiu os tijolos de Lagash, cometeu um pecado contra Ningirsu; Ningirsu cortará essas mãos levantadas contra ele.»<sup>12</sup> Lugalzagesi já se preocupava com horizontes mais amplos. Num pronunciamento triunfante, preservado nos restos partidos de um vaso com quatro milénios, ele falou de como traria prosperidade a todos os povos das suas terras. Terras que, afirmava, lhe tinham sido concedidas por Enlil, e que se estendiam «desde o nascer do sol até ao pôr do sol», e «do mar inferior, ao longo do Tigre e do Eufrates, até ao alto-mar»<sup>13</sup>.

E deste modo o Extremo da Planície já não era o extremo. Após cerca de 150 anos, a disputa fronteira havia realmente terminado: com a destruição e subjugação de Lagash. O canal fronteiro tornou-se apenas mais

um canal de irrigação. A fronteira mudou, foi empurrada adiante, além da vista e da mente. Com o seu desaparecimento, a inscrição de Lugalzagesi declarava que uma nova era de paz poderia começar:

que toda a humanidade prospere como plantas e ervas... que o povo desta terra olhe para uma «terra justa»; que a boa sorte que os deuses consideraram para mim nunca se altere, e até à eternidade possa ser o primeiro pastor<sup>14</sup>.

A «eternidade» de Lugalzagesi não durou muito. Poucos anos depois ele foi levado, amarrado com correntes ao pescoço, até aos portões da cidade de Nippur. O «rei de todas as terras» foi reduzido a uma figura abjeta — prisioneiro de Sargão, o *Grande*, governante de Akkad, o primeiro império da História<sup>15</sup>. Umma também fora saqueada e destruída, mal sobrevivendo ao seu grande rival. A maldição tinha-se tornado uma realidade. Uma terra engolida por outra, e depois engolida por uma outra.

*Era uma vez uma fronteira...*

E o que é uma fronteira, se não uma história? Nunca é simplesmente uma linha, um marcador, uma parede, um limite. Primeiro, é uma ideia. Uma ideia que é então apresentada como uma realidade. Não existe apenas no mundo. Tem de ser *concebida*. Só pode ser *contada*.

Houve fronteiras antes deste pilar, antes da guerra no Extremo da Planície. Deve ter havido — embora as suas verdadeiras histórias, e em particular os seus restos físicos, estejam quase totalmente perdidas para nós. O homem marca território há milénios. No mundo pré-histórico, caçadores-coletores talhariam cortes ou símbolos em árvores, pendurariam ossos ou vísceras de animais em ramos. Locais de enterro proeminentes eram posicionados na periferia de áreas de caça, para que as almas dos mortos ficassem de sentinela e afastassem intrusos.

Nas comunidades aborígenes do norte da Austrália, os corpos eram por vezes transportados durante dias, para serem enterrados nas terras tribais — onde as sepulturas eram intercaladas, criando uma espécie de linha de fronteira espiritual<sup>16</sup>. Há alguma especulação de que até as nossas primeiras obras de arte rupestres, de há dezenas de milhares de anos — marcas de dedos em superfícies macias, pinturas rupestres, gravuras em rochas — foram, em parte, tentativas de afirmar uma ligação ao espaço, de

imbuir algo humano e pessoal na paisagem, para dizer «Este lugar é meu»<sup>17</sup>.  
*Meu, e não teu?*

Assim, já nessa altura o território estava a ser definido. Mas estava também, e sempre, a ser redefinido. As comunidades viviam em movimento, mudando de um local para outro, seguindo as manadas selvagens ou os cardumes à medida que as estações mudavam. No Sul da Escandinávia, plataformas de enterro de madeira elevadas foram construídas em terreno alto ou penduradas entre troncos de árvores. Conhecidas como «sepulturas aéreas», a deterioração destas estruturas, juntamente com a decomposição dos corpos que continham, teria como fim lembrar que o território era igualmente impermanente<sup>18</sup>.

O caso do pilar de Lagash seria diferente: era o passo evolutivo seguinte, se quisermos, no processo de *possuir* a terra. Na sua inscrição, o território é eterno — repartido pelo divino e demarcado no início dos tempos. O pilar descreve uma linha que percorre 60 quilómetros, cortada no próprio solo, e que não deveria ser atravessada. Adverte que aqueles que o fizeram, que ignoraram o seu poder, foram punidos pelos deuses. É o nosso primeiro relato escrito de uma fronteira — e também a história de uma disputa.

Ora, é aqui que começo. Uma linha é traçada. E depois outra, e outra, e outra. Nunca cessámos de as desenhar desde então.

Abordei o pilar uma última vez. Alguns objetos têm apenas uma aura, uma presença, chamem-lhe o que quiserem. O pilar era tão sólido, tão denso, que parecia ter a sua própria gravidade — continuava a atrair-me para si. Estava a pensar naquele escriba, a lascar a pedra calcária; nas mãos que colocaram o pilar no lugar no aterro; e nas mãos que mais tarde o retiraram novamente. Em todas as pessoas que em tempos lhe tocaram, tal como eu estava a tocar-lhe agora.

Que emoções algo tão simples como uma linha pode despertar, que ações pode provocar. As fronteiras não apenas dividem a paisagem. Multiplicam-na, criam novos mundos, novas realidades. Fazem-no há milhares de anos. Desenrolam-se sobre a terra. Lançam a sua estranha magia sobre as planícies. Inscrevem as suas histórias no pó e na terra.